

RELIGIÃO

Engenheiro e surfista, o rabino explica a popularização do oculto

Especialista em Cabala, Nilton Bonder explica os fundamentos da tradição judaica de interpretação bíblica

Ricardo Muniz

Poucas vezes os segredos e mistérios foram tão visados. Que o digam o desempenho de vendas do livro *O Código da Vinci*, de Dan Brown, e o alvoroço em torno de sua versão para o cinema, que estréia nesta sexta-feira. A adesão de estrelas do show business à cabala apenas reafirma a tendência. Mas Nilton Bonder, engenheiro mecânico formado pela Universidade Columbia, surfista nas horas vagas desde que se mudou para o Rio aos 6 anos de idade e há 20 anos rabino da tradição cabalística, joga água fria na fervura – ou melhor, reembrulha o oculto nas sombras da discrição.

“O objetivo da cabala não é ‘venha descobrir os segredos do oculto’, é ‘venha descobrir o segredo de que existe o oculto, mas ele permanecerá oculto, você não terá domínio sobre ele”, adverte o rabino de 47 anos. “O grande engano é achar que você vai descobrir os segredos, a mágica, os truques, quando na verdade vai simplesmente circundar o oculto.”

Sim, as mensagens nas entrelinhas caíram na boca do povo, mas cabala não é para qualquer um, e mesmo suas versões mais light demandam regras e cautelas. “Cabala significa ‘receber’, era passada de mestre para discípulo como o topo do estudo. É um trabalho de interpretação, a mais sofisticada e refinada possível”, diz Bonder, doutor em Literatura Hebraica pelo Jewish Theological Seminary de Nova York e líder espiritual da Congregação Judaica do Brasil (CJB), na Barra da Tijuca, zona sul do Rio. “Quando eu digo ‘não é para todos’, dentro da estrutura tradicional judaica significa que você tinha de ter antes cumprido um currículo básico. Se eu quiser ensinar física quântica, e você não fez antes Física 1, 2, etc., fica fora de contexto.”

Mas não é obrigatório carregar desde o berço uma sensibilidade espiritual especial. “A qualificação não é do tipo ‘esse sujeito é um iluminado’, mas, nessa estrutura da tradição judaica, é preciso que seja judeu, porque implica relação direta com o texto bíblico, não só literária, mas de cumprir o que está escrito.”

CABALIGHT

Isso não impede que a cabala (pronuncia-se “cabalá”) seja apreciada, e cada vez mais, por gente de qualquer religião e origem. O próprio Bonder inicia, amanhã, no Centro de Cultura Judaica, no bairro do Sumaré, zona oeste de São Paulo, o curso *As 10 Estações – A Cabala e as Sefirot*. Durante os meses de março e abril, ele já havia ministrado o curso *Desconstruindo a realidade* para cerca de 200 pessoas, no mesmo local. “Eu faço uso bastante light e amplo da cabala: ela é uma tentativa de

ler alguma coisa no sentido mais profundo. Uso coisas muito concretas – comida, dinheiro, inveja – e aplico essa técnica de interpretação.”

A extrema complexidade da cabala estimulou no próprio meio judaico o surgimento do hassidismo, uma tentativa de popularizá-la e torná-la mais genérica. Em seus cursos, baseados em textos hassídicos, Bonder trata, por exemplo, do conceito de alma: não é um corpo etéreo, mas o cordão umbilical entre a realidade (as circunstâncias) e a verdade (o que está além). “As pessoas têm um longing, uma saudade de alguma coisa que não sabem nem o que é, o que explica essa inquietação do nosso tempo.”

No final das contas, ressalta o rabino, o importante é que para a tradição mística judaica a maior desgraça que pode acontecer a uma pessoa é o ocultamento do oculto. “Uma pessoa que vive no ocultamento do oculto é aquela que pensa: eu nasci, vivo e morro, tenho de aproveitar a vida da melhor maneira possível, e é isso aí.”

DESCONSTRUINDO O REAL

A técnica mais comum da cabala é uma desconstrução metódica da realidade, explica Bonder. “Se eu puder desmontá-la

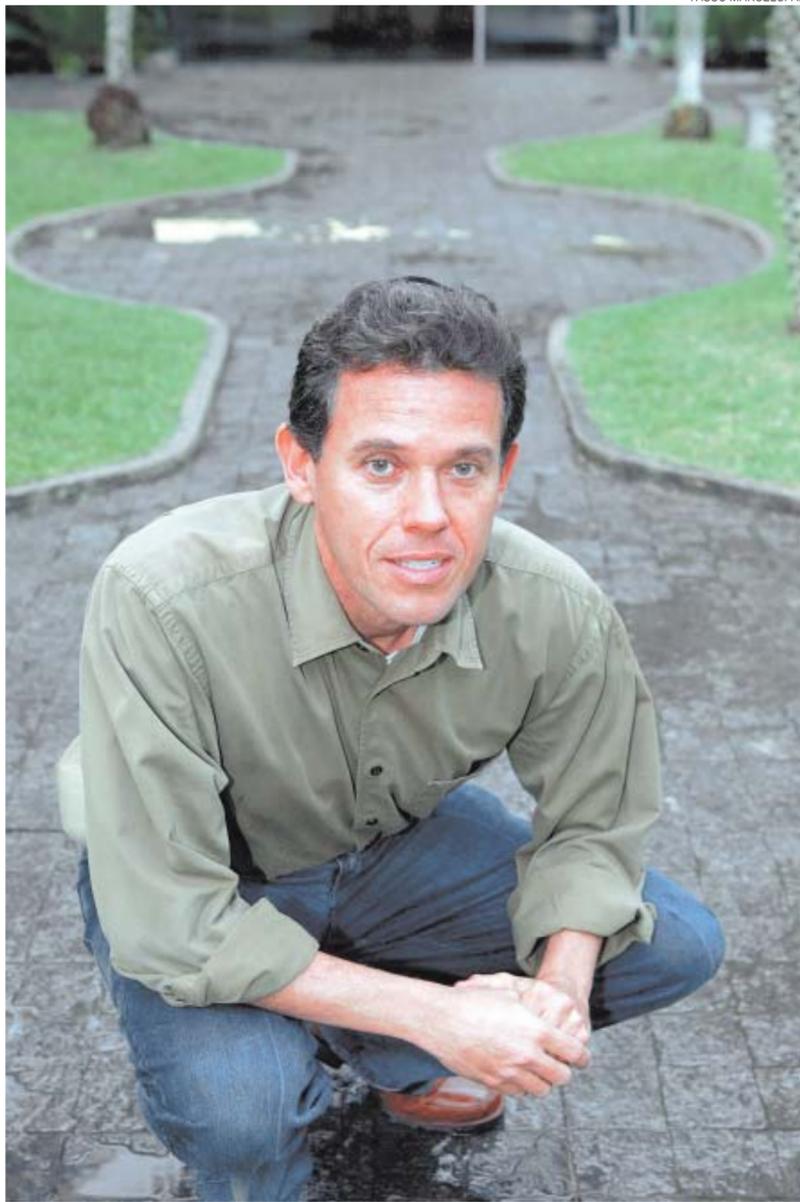
‘É um engano achar que você vai descobrir segredos, mágica, truques’

em quatro planos – físico, emocional, mental e espiritual –, quando montar de novo, é como se essa realidade tivesse uma resolução melhor, fica muito mais nítido.”

Mas a desconstrução pode ser irreversível, e o mergulho no oculto, sem volta, admite o rabino. “Você tem de ter alguma regra. Os rabinos diziam no passado que uma pessoa, para estudar a cabala, deveria ter 40 anos, pelo menos, e ser casada”. Era a maneira que os antigos mestres dispunham em sua época para determinar que a pessoa teria uma certa maturidade, para não se deprimir.

Além de lastro, é preciso âncora. “Na tradição judaica, é muito importante ter um texto canonizado, porque aquilo é um território”, diz Bonder. É a interpretação com foco em um alvo fixo que vai garantir a profundidade. “Eu posso começar a interpretar qualquer coisa como um louco. O louco é o maior interpretador que existe, mas sem um território. Por isso ele é louco.”

Uma das histórias fundadoras da cabala ilustra isso. Quatro sábios entram em um pomar (*pardes*, em hebraico, a mesma palavra para “parai-



TERRITÓRIO – ‘A Cabala trabalha sobre o texto canonizado, quem interpreta tudo é louco’, diz Bonder

so”). Um deles morre, outro enlouquece, outro se torna herege e só um deles, o rabino Aquiva, sai de lá vivo para contar a história. O desmonte da palavra *pardes* ajuda a explicar o que pode ter acontecido com os pobres mestres. Ela é formada em hebraico por quatro letras, que representam os quatro mundos da interpretação: P de Pshat (interpretação literal), R de Remez (simbólica), D de Drash (metafórica), e S de Sod, que é o secreto – onde a cabala está contida –, uma interpretação que aparentemente não tem pé nem cabeça, nenhuma conexão, nem mesmo metafórica. “É o que está por detrás das entrelinhas, é o oculto.”

Além da técnica das quatro interpretações, há na cabala a

conexão de palavras por seu valor numérico, já que no hebraico há uma correlação entre letras e números. “Eu posso descobrir que tal palavra tem o valor 34, e achar uma outra que tem o mesmo valor, e que acrescenta significado. Eu tive de desmontá-la e transformá-la em número para achar outra palavra que se relaciona com ela.”

Além dos quatro mundos do *pardes* e da, digamos, numerologia, a cabala emprega o *Sefirot* (“contagem de números”, em hebraico, uma matemática do Universo, para a cabala), representada por dez atributos: *clímax*, *sabedoria*, *entendimento*, *compaixão*, *severidade* (ou *rigor*), *beleza*, *vitória* (ou *permanência*), *reverberação* (ou *implicações*), *fundamento* e *materia-*

lidade. “É um template, um esboço, que você aplica, decompõe o texto e vê as coisas nos múltiplos aspectos e inter-relações de uma trama que eu não enxergava antes.”

CABALA DOS ARTISTAS

Tantas ponderações de Bonder não o levam a condenar a adesão à cabala por artistas. “As pessoas que estão no mundo artístico são muito intuitivas, vivem em busca de percepções refinadas”, defende. Ele invoca um exemplo pessoal para explicar o que pensa. “Gostar de fazer surf é sempre identificado como algo de muita superficialidade, o surfista é o sujeito tolo, que não faz nada, que fica na praia. Mas na verdade é um lugar muito refinado, de contato com a nature-

za, de fluidez das ondas, de entrar em harmonia com as coisas, de muita percepção.”

Bonder admite, porém, que há um certo modismo na adesão de ricos e famosos à cabala, como a cantora Madonna, por exemplo. “A busca das pessoas é bonita, obviamente que pode ser manipulada, e essa manipulação tá aí rolando muito. Todo estudo profundo é em direção à felicidade e prosperidade, mas você pode criar com isso uma propaganda enganosa.”

JUDAS, JESUS E ADÃO

Numa aplicação informal do jeito cabalístico de enxergar o mundo, Bonder comenta o polêmico *Evangelho de Judas*, divulgado recentemente, em que o apóstolo é apresentado como um colaborador de Jesus, e não um traidor. “Para o cristianismo é muito interessante o resgate desse apóstolo, que em algum momento ficou demonizado. Nenhuma teologia deveria perguntar quem matou, quem traiu. A preocupação do próprio Jesus é por que, não quem”, diz Bonder. “Ele mesmo encara a tragédia e a paixão não como um episódio infeliz em que alguém o delatou e ele se deu mal, que é uma leitura muito rala do que aconteceu. Havia uma tensão espiritual na qual o sacrifício de Jesus fazia parte.”

Ainda segundo o rabino, quando Deus procura por Adão depois que o primeiro casal come o fruto proibido, não está procurando culpados, mas querendo se aproximar. “Enquanto você ficar no quem traiu, quem comeu o que não devia, há alguma coisa errada.”

Uma decorrência bastante palpável de toda essa reflexão é que entender o mundo superficialmente pode contribuir, e muito, para a sua destruição. “Nós entendemos a vida assim, eu brigo com meu vizinho, entro em guerra com outro povo, vejo as coisas nesse enredo muito superficial, quero saber quem é culpado das minhas mazelas, quem é culpado das mazelas dos palestinos, dos israelenses.” Além da superficialidade, para Bonder a insegurança explica esse modo de encarar a vida. “Ela legítima essa situação tão pobre espiritualmente, que é ter um inimigo. Quem tem inimigo encontra-se em um estado espiritual muito baixo.”

COMUNIDADE

Há pouco mais de 140 mil judeus no Brasil, concentrados em São Paulo, Rio, Porto Alegre e Recife. A CJB, fundada em 1989 e com cerca de 500 famílias afiliadas, assim como a comunidade Shalom, em São Paulo, são conhecidas por adotar posturas consideradas liberais, como permitir que homens e mulheres se sentem juntos na sinagoga e aceitar a ordenação de rabinas. ●

Made in USA: jubus, ou judeus que também são budistas

Estima-se que pelo menos 30% dos recém-convertidos ao budismo nos Estados Unidos sejam judeus

Louis Sahagun

LOS ANGELES TIMES
LOS ANGELES

O altar na sala de estar de Becca Topol, de 37 anos, tem uma estátua de Buda e uma pedra de jardim pintada com a palavra hebraica para paz, “shalom”. Em abril, ela celebrou a Páscoa judaica com uma narrativa da hagedah modificada, comparando o êxodo do Egito com a libertação de Buda do sofrimento.

“Sou uma judia budista – uma jubu”, diz Becca. “Minha prática budista, na verdade, me torna uma judia mais forte.” Embora enriqueça o judaísmo de Becca, dando-lhe um senso de espiritualidade mais profundo, o budismo confunde seu colega jubu David Grotell, de 41 anos. Ele não quer violar a proi-

bição judaica da adoração de ídolos. “Tenho um local de meditação em casa, mas, como judeu, simplesmente não posso pôr uma estátua de Buda ali.” O dilema de Grotell e a confiança de Becca mostram como a experiência jubu pode ser diversificada – mesmo dentro de um centro zen-budista em Santa Monica, na Califórnia.

Ninguém sabe ao certo quantos são os jubus – as últimas pesquisas foram feitas nos anos 70. A grande maioria dos 3 milhões de budistas dos Estados Unidos é asiática, mas, segundo algumas estimativas, pelo menos 30% dos recém-convertidos ao budismo são judeus (nos EUA, a comunidade judaica reúne 6 milhões de pessoas).

Para Alan Lew, que estudou budismo por dez anos antes de

mudar de rumo e se tornar um rabino, a paradoxal mistura entre o judaísmo, que reverencia um só Deus, e o budismo, que não tem um ser supremo, é “um encontro frutífero e criativo de duas correntes religiosas”.

“A maioria das pessoas não se aprofunda muito no budismo. Elas só querem sentir-se um pouco melhor”, afirma Michael Shiffman, fundador da L.A. Dharma, uma organização budista aberta de Los Angeles. “Mas é possível ser judeu e não acreditar em Deus? Boa pergunta.” Outros, no entanto, diriam que tudo depende da definição que o indivíduo dá a Deus.

SOFRIMENTO

Em essência, o budismo cria um caminho solitário e silencioso que se afasta do sofrimento e

leva a uma vida baseada numa visão abrangente de interconectividade, sabedoria e compaixão. Um método para atingir essa consciência é a meditação diária. Por não ser dogmático, o budismo não exige que os seguidores aceitem ou rejeitem nada – nem mesmo a noção de Deus. Por isso, nesse aspecto ele difere bastante do judaísmo, uma tradição de base comunitária que depende de regras, leis e orações para ligar os seguidores a um deus pessoal. Então o que os judeus vêem de tão atraente no budismo?

“O sofrimento está no centro da questão”, sugeriu David Gottlieb, cujo livro autobiográfico *Cartas a um Judeu Budista* examina a vida de um “judeu zen” que luta para conciliar suas duas identidades. “O judaísmo,

em sua melhor forma, abraça o sofrimento. Na pior, o santifica. O budismo procura explicitamente pôr fim ao sofrimento e não olha para o passado.”

A maioria dos jubus é membro da geração do baby boom que cresceu em famílias vagamente religiosas e começou a sentir-se incompleta nos tumultuados e experimentais anos 60 e 70. Eles se uniram a legiões de jovens que buscavam base espiritual e acabaram recorrendo ao budismo, uma receptiva prática meditativa isenta dos estigmas culturais presentes, por exemplo, no cristianismo ou no islamismo.

“Fico encorajado ao ver que as pessoas querem encontrar algo mais espiritual”, afirma o rabino Bentzion Kravitz, de um grupo chamado Judeus pelo Ju-

daísmo. “Mas também fico desiludido por elas não encontrarem isso no judaísmo. Talvez não tenhamos feito um trabalho bom o suficiente para tornar o misticismo judaico acessível para as massas.”

Mas Marc Lieberman, um oftalmologista de São Francisco que ajudou a organizar um histórico diálogo entre líderes judaicos e o Dalai Lama em 1989, vê o fenômeno jubu com um exemplo de “inovação americana”. “Sou um mosaico saudável do judaísmo e do budismo”, disse Lieberman. “Meu lado judeu é uma sensibilidade tribal; uma identidade reflexiva com a dor e a agonia de meu povo e o orgulho e as glórias de suas tradições. Mas meu lado budista pergunta: ‘Isto exclui outros no mundo?’” ●